

HUMANIZAÇÃO NA MOBILIDADE

Murialdo Gasparet, PUC-RJ¹

Resumo

A mobilidade é uma característica marcante de nossos dias. O ser humano vive uma situação de desenraizamento constante nos espaços urbanos, uma movimentação contínua nos espaços geográficos, sociais, psicológicos e religiosos. O mobilizar urbano atual constitui um desafio constante para a sociedade atual, que se defronta com uma realidade permeada pelas incertezas, fragmentações e flutuação identitária. Refletir sobre as condições de vida da atualidade do ser humano, que vive em uma sociedade urbanizada, altamente sofisticada de relações e, muitas vezes, empobrecida de valores em um ambiente de mobilidade, é uma necessidade de nossa sociedade. Isso é o que tentaremos fazer ao longo deste artigo.

Palavras-chave:

Humanização; Mobilidade; Identidade; Relação Humana.

Abstact

The mobility is an outstanding feature in our days. The human being is in a state of constant uprooting in urban spaces, one continuous movement in geographical space, social, psychological and religious. The current urban mobilize is a constant challenge for modern society that faces a reality permeated by uncertainty, fragmentation and fluctuation identity. To Reflect on the living conditions of human beings today, who live in an urbanized society, highly sophisticated in relationships and, oftentimes, impoverished values in a surrounding of mobility, is a need for our society. That is what we will try to do throughout this article.

Keywords:

Humanization; mobility; identity; human relationship

¹ Sacerdote, mestre em Teologia pela PUC-RJ. Membro fundador da Pastoral dos Nômades do Brasil (PNB – CNBB). Docente nos Institutos Superiores do CENSA e no Curso de Filosofia Eclesiástica *Sede Sapientiae* do Seminário Maior Maria Imaculada na cidade de Campos do Goytacazes- RJ. E-mail: murialdogasparet@yahoo.com.br

Introdução

A atualidade mostra que a sociedade urbana é cada vez mais imediatista, com projetos e episódios de curto prazo onde a vida exige uma movimentação constante do ser humano. Esta transitoriedade cria um estado de provisoriedade constante, momentos vividos de forma instável, em que os laços não são mais apenas de lugar (geográficos), mas são mutáveis e imprevisíveis. A vida torna-se uma experiência notoriamente móvel, pois quanto maior e heterogênea a cidade mais as fronteiras se aproximam.

O enfoque se dá na infixidez atual, que aponta para um aspecto singular na identidade social contemporânea, uma humanidade em movimento, em que o mapa mental dos seres humanos é composto segundo a sua permanente circulação. As relações humanas se transformam, recebem uma nova valoração, correndo o risco, nos casos mais agudos, até mesmo de serem deixadas de lado, em detrimento de outras relações.

Pode-se dizer que há uma aceleração do fenômeno urbano em que a mobilidade do ser humano, movimento de estar no mundo e se relacionar com ele, acontece de maneira diferente daquela que, tradicionalmente, exigia o deslocar-se fisicamente de um lugar para outro, para interagir com novas realidades. Atualmente, o movimentar-se do ser humano, ganhou outras formas, à medida que foram incorporados, em sua vida, meios inimagináveis, em épocas passadas. Seja para conhecê-lo, denominá-lo ou simplesmente estar no mundo em tempo real. Novas formas de movimento urbano que possibilitam novas formas de configurações identitárias.

Em outras palavras, a modernidade é a impossibilidade de permanecer fixo. Ser moderno significa estar em movimento. Não se resolve estar em movimento – como não se resolve ser moderno... Nesse mundo, todos os habitantes são nômades, mas nômades que perambulam a fim de se fixar. Além da curva, existe, deve existir, tem de existir uma terra hospitaleira em que se fixar, mas depois de cada curva surgem novas curvas, com novas frustrações e novas esperanças ainda não destroçadas. (BAUMAN, 1998, p.92).

Temos como objeto desse artigo, a mobilidade como condição de vida, ou seja, não como exceção, mas como regra, a marcar todos os setores da vida humana. Antes, os povos antigos eram nômades no sentido de migrar fisicamente de um espaço para o outro; hoje, a nova realidade de mobilidade cumpre investigar. É certo que o ser humano sempre foi um ser

de movimento. A diferença consistente em que antes, o ser humano vivia em constante deslocamento, porém, com a sedentarização, própria da fixação do ser humano à vida das cidades, este processo se inverteu: a vida se tornou voltada para um local, uma geografia e as cidades se tornaram ícones desse processo. E é este ser humano de movimento atual que procuraremos refletir.

1. Apontamentos Antropológicos acerca do ser humano

O ser humano, por motivos diferentes, desde os tempos antigos, esteve envolto em mudanças e movimentos, as contingências culturais, naturais e da própria sobrevivência, em alguns momentos, determinaram essa mobilidade. É natural do ser humano caminhar, mover-se, conquistar, explorar e conhecer, assim como são possibilidades a ele pertinentes mover e parar, são alternativas, portanto, da condição humana.

A diferença agora é que o espaço é construído pelo ser humano e não mais dado a ele. Estamos diante de um espaço a construir, transformar, mudar. O ser humano é errante, transitivo, não apenas espacial e geograficamente, mas muda sua maneira de viver, sua forma de pensar e de agir. Um exercício de desenraizamento constante e uma movimentação contínua. “Hoje em dia estamos todos em movimento.” (ALMEIDA, M. I. M. & TRACY, K. M. A., 2003, p. 17).

Para melhor identificar esta mobilidade atual, trabalharemos com os conceitos de cidade, urbano, urbanização e urbanismo que têm a mesma raiz e natureza, porém funções diferentes. São conceitos não unívocos. Mas ajudam-nos a identificar o fenômeno da mobilidade urbana atual e nos conduzem a perceber as novas formas de relações humanas que dentro delas surgem.

As cidades passam de monocêntricas para policêntricas e o movimento dos seres humanos não mais é centrípeto (para o centro), mas centrífugo (para fora). Temos vários centros e as necessidades tanto relacionais como sociais não se convergem mais para um mesmo lugar. Um exemplo é o urbano, conceito não unívoco, pois representa tanto estruturas físicas como relações humanas e sociais, e o grau de urbanização varia de acordo com inúmeros fatores. “A cidade reúne os nômades e no mesmo golpe oferece um novo tipo de nomadismo aos que estão em casa. Há uma recodificação sempre local, atravessada por novos fluxos que se mobilizam.” (CAIAFA, 2007, p. 118).

O conceito de urbano não é apenas geográfico, isto é, não diz respeito, somente às cidades em oposição ao campo. Urbano é também um modo de vida, um jeito de compreender a existência e com ela se relacionar, modo que está certamente nas cidades, mas também fora delas, em especial num mundo onde os meios de comunicação levam valores, posturas e compreensões a qualquer lugar. Segundo Bauman (2007), “Nem toda a vida urbana é moderna, mas toda vida moderna é urbana. Tornar-se moderno significa, no que se refere à vida, assemelhar-se mais à vida urbana.”(2007, p. 133).

O mundo não vai se tornando mais urbano somente porque as cidades estão crescendo e as populações migrando para elas. Ele vai igualmente se urbanizando na medida em que as concepções geradas em ambiente urbano se vão disseminando. Entre esses aspectos encontramos a presença dos altos índices de mobilidade, podemos assim dizer que os níveis de urbanização encontram-se diretamente relacionados com os de mobilidade.

O ambiente pré-urbano tende mais ao estático. Apoia-se na tradição, no costume secular, na sacralização, na imutabilidade. Ao contrário, o ambiente urbano tende mais ao movimento, à mudança, à articulação, à mobilidade. “o perfil urbano se torna complexo, com tendência à onipresença da metrópole, através de múltiplos fluxos de matérias e são o novo arcabouço dos sistemas urbanos.” (SANTOS, 1993, p. 10).

A mobilidade hoje, portanto, é uma forma de nomadismo não mais só histórico, cultural ou forçado, mas urbano, que se constitui de relações humanas vividas cada vez mais em episódios de curto e médio prazo.

As identificações das relações sociais, em escala mundial, em que acontecimentos são marcados por acontecimentos e por eventos distantes do próprio local, derrubando fronteiras, interligando pessoas, encolhendo distâncias e acelerando movimentos, traduzem o que se constitui a mobilidade urbana atual.

Esta nova forma de mobilidade humana atual, constitui-se num estar no mundo em constante busca, não mais pelo alimento físico, mas numa teia que se reconfigura em velocidade inimaginável envolvendo profundas mudanças no ser e estar no mundo. “Vivemos [...] diante de uma sociedade pluralista, secularizada e sofrendo rápidas e sucessivas transformações.” (MIRANDA, 2008, p. 06).

Vemos o ser humano urbano atual marcado pela cultura urbana e globalizada. Esta, por sua vez, apresenta uma característica marcante: a intensa mobilidade. Trata-se de novas formas e modos de compreensão de toda a vida, modo este não mais caracterizado pelo estável, pelo fixo, pelo estabelecido. Mas uma realidade em que a compreensão da vida é

marcada pelo movimento, pelo transitório e instável, pela novidade mutante, por vínculos temporários, parcerias momentâneas, identidades flácidas. Isto produz mudanças na vida humana, de modo especial nas relações inter e intrapessoais, na identidade, na cultura e nos valores.

Esta nova mobilidade urbana atual nos apresenta não mais desejo pelo estável, há sede de segurança dentro dos muros da cidade, mas uma espécie de sede pelo deserto, pelo nomadismo. O fenômeno da mobilidade tornou-se mais agudo nas últimas décadas.

Essa nova forma de mobilidade atual, pode ter várias formas de captação e compreensão, pois a mobilidade não afeta apenas um aspecto ou outro. Porém, nosso enfoque deteve-se num ponto em comum: humanização. Somos agora desafiados a pensar a respeito das chances e desafios que uma realidade como essa traz para a humanização dos que nela vivem.

Entre as inúmeras preocupações que emergem desta realidade caracteriza por alta mobilidade, está a humanização. Em que sentido, perguntamos, este ambiente contribui para a humanização e em que sentido ele não contribui. Buscamos analisar a mobilidade à luz do conceito de ser humano. Devido a importância da Antropologia, é importante destacar que mais do que sim e não no que diz respeito aos processos de humanização nesses novos tempos de mobilidade, é verificar em que sentido a mobilidade urbana atual favorece ou não à humanização.

A Antropologia focaliza a pessoa humana em si mesma, na sua relação com o outro e com a cultura. “Onde não existe um autêntico sair de si para ir ao outro, simplesmente não há moralidade” (FORTE, 2006, p. 06). Neste tempo de mobilidade faz-se necessário frisar a visão unitária do ser humano, caso contrário, as relações imediatas, fragmentadas, mutantes e não duradouras ameaçam levar à coisificação do ser humano e a sua desumanização. A Antropologia é suporte para ultrapassar lamentações e para buscar valorizar os aspectos positivos da mobilidade urbana atual.

Podemos afirmar que o ser humano é um ser de relações e de mobilidade. A partir de sua definição como criatura, é possível reunir aspectos que assim o constituem, tais como o corpóreo, que é aquele que permite a materialização e a expressão de seu movimento em várias direções, dando-lhe a condição para ser um ser vivente de eleição e aliança com o Outro e com outro. Por ser um ser para o futuro, sua história passada, e presente se encaminha no sentido de que ele é um ser de transformação e de ação diante da vida. Como pessoa, deve buscar viver em sociedade, que melhor se realiza em sua natureza e na vida com os outros.

O que é importante reafirmar é que as principais contribuições acerca do ser humano na Antropologia nos mostram o ser humano também como ser de movimento.

Muitas, de fato, são as implicações a respeito da condição criatural do ser humano. Uma, no entanto, tem assumido destaque nestes últimos tempos em que, diante de tamanhas transformações, a mobilidade se tornou uma característica e, ao mesmo tempo, uma condição da existência. Como criatura, o ser humano não possui nem origem nem finalidade em si mesmo. Ele é sempre um ser referido ao Outro. Humanizar-se significa transformar-se em um ser de relações.

As diversas indicações a respeito do ser humano, como, por exemplo, *sapiens*, *volens*, *loques* ou sociais, apontam para a complexidade do conceito vida. Trata-se, como bem sabemos, de um conceito amplo, abrangente, complexo. Nele estão compreendidas estas e outras características do ser humano. Viver, conseqüentemente, consiste em permitir que todas estas características se realizem de modo gradativo e, ainda que em graus distintos de maturação, por igual. Por isso, devemos sempre rejeitar todos os reducionismos que compreendem o ser humano apenas a partir de uma dimensão, sem o devido equilíbrio com as demais. O ser humano é consciência, afeto, vontade, comunicação e muito mais. A grande contribuição que a Antropologia tem a oferecer consiste, exatamente, em mostrar a correlação entre todas estas dimensões.

O ser humano não é um ser somente em si: na abertura ao outro, o ser humano se descobre um ser de diálogo de relação e de encontro. A abertura aos outros constitui, segundo a Antropologia, o aspecto fundamental da pessoa. Podemos dizer que o ser humano é chamado a comunhão de vida com o outro. A necessidade natural do ser humano de estar com o outro é condição de sua humanidade. É com o outro e com os outros que ele aprende e desenvolve sua humanidade e nesse processo, ele cria relações. A condição da co-humanidade do ser humano implica a capacidade de formar rede de relações.

Assim, também podemos refletir sobre o conceito de *pessoa*, referindo-se ao valor que cada ser humano possui em si mesmo. Trata-se de um conceito que olha não tanto para o conjunto dos seres humanos, mas para cada ser humano em particular, afirmando que todos e cada ser humano possui um valor insubstituível. Cada ser humano é capaz de estabelecer relações consigo, com os outros seres humanos e com a sociedade.

A pessoa se autopertence, possui autonomia própria no nível ôntico. A pessoa não é propriedade de outro. Qualquer tipo de escravidão é um atentado direto contra a dignidade da pessoa. A pessoa é capaz de escolher determinados valores por si mesma, a partir de si

mesma. Ela é livre. É chamada a assumir a responsabilidade do que foi decidido e da opção feita.

É a responsabilidade que nos faz existir e é o existir que nos torna responsáveis! Nesse sentido não há nada de ativo em ser responsáveis; ao contrário tudo é passividade que coincide com a própria existência acolhida anteriormente, em cada tomada de posição de liberdade. (FORTE, 2006, p. 144).

A pessoa não é um objeto ou um instrumento para ser usado e depois deixado de lado. As relações de dominação, escravidão, por mais que se apresentem em nome de sublimes ideais, desumanizam a todos os envolvidos nelas. A pessoa é qualitativamente distinta das coisas do mundo da natureza, mas é igualmente parte do mundo natural. É chamada a trabalhar o mundo para transformá-lo em morada digna de todos os homens. Nem contemplação idealista, nem materialismo devorador.

Quando nos perguntamos sobre os processos humanizadores ou desumanizadores nesta sociedade de altíssima mobilidade, percebemos que a humanização só acontece e acontecerá quando todas as pessoas, com suas características e diferenças, vierem a ser valorizadas. Sabemos que esta total valorização é um processo ideal, que deve ser construído a cada dia. Mas, reconhecemos que, a partir do conceito de pessoa, as dinâmicas de exclusão, tão presentes nos ambientes atuais, são desumanizadoras, despersonalizadoras. Por isso, se quisermos efetivamente interagir com tais ambientes, precisamos trabalhar com categorias como *encontro*, *tolerância*, *convivência*, *partilha de vida* e, de modo especial, continuar, de acordo com a história de cada um, da sociedade em que vive e da cultura, ajudando os que não têm sua dignidade respeitada (não são vistos como *pessoa!*) a terem vez e voz.

É exatamente através da corporiedade que o ser humano manifesta sua indispensável condição relacional. É através do corpo que ele, por exemplo, olha e contempla, escuta, abraça, envolve-se. É também através do corpo que o ser humano, quando se fecha ao relacionamento, luta, rejeita e até mesmo destrói. Nesse sentido, podemos entender o que significa dizer que o ser humano não apenas possui um corpo. Pode-se dizer que a pessoa precisa tomar consciência da sua identidade, da sua corporiedade e da sua dignidade.

Por isso, a defesa da dignidade da pessoa humana comporta o compromisso, no interior das tensões e conflitos próprios a cada situação, contra a injustiça, a opressão, a miséria etc, que impedem os seres humanos concretos de desenvolverem

sua riqueza pessoal. Comporta, sem dúvida, o compromisso com as pessoas que têm a sua dignidade aviltada, mas implica igualmente o compromisso em nível estrutural de tornar possível [...] uma sociedade qualitativamente diferente, dotada de estruturas a serviço da possibilidade de personalização para todos. (RUBIO, 2001, p. 316).

A futuridade do ser humano é uma característica nem sempre muito aprofundada. Os motivos são vários. Destaca-se, para efeitos desta reflexão o fato de que a regra para a existência é o estático. Assim, o futuro tende a ser visto como degradação e, por consequência, como negatividade. Quando, no entanto, nos deparamos com uma realidade fortemente imanentizadora como a atual, em que a mobilidade acaba por dar sentido a tudo que nos cerca, o futuro se torna também uma questão intra-histórica. Não se trata, deste modo, de se reverter o dualismo, o que ocorreria se abandonássemos a preocupação pelo transitório, fixando-nos somente no histórico. O ser humano é um ser de futuro, no sentido de que ele nunca está plenamente satisfeito com o presente. É, neste sentido, um ser inquieto, desejoso de ter, condição mais imediata, e ser, condição plena, sempre mais. Esta abertura para o futuro, abertura que já se concretizam nas insatisfações diante do agora, colocam o ser humano em condições de contínua, perene abertura para o novo, que, se, por um lado, o assusta, por outro, o atrai.

2. Mobilidade humana atual

Nos atuais ambientes tão marcados pela mobilidade, um dos maiores riscos é a centralização do *EU* em si mesmo, fechando-se aos relacionamentos verdadeiros, envolventes, fecundos. “A época em que vivemos é, ao mesmo tempo, dramática e fascinante. Se por um lado, parece que os homens vão no encalço da prosperidade material [...], por outro lado, manifesta-se a angustiante procura de sentido, a necessidade de vida interior”. (RUBIO, 2001, p. 65).

Esta reflexão busca proporcionar um pensar e um desafio: é possível viver a experiência humana na mobilidade urbana atual? E em que sentido o urbano atual, marcado pela mobilidade, favorece, ou não, os processos de humanização? Confrontar, analisar e destacar, numa visão unitária do ser humano, na qual se incluem movimentos e estabilidades

nos ajudaram a mostrar o ser humano capaz do Outro também nos ambientes de mobilidade, como um ser de caminho.

Os novos espaços virtuais não são espaços pós-humanos. Não são formados exclusivamente por sua infraestrutura tecnológica. São formados por redes de pessoas que interagem com os mais variados propósitos. [...] Eles existem não somente porque existem máquinas e tecnologia, mas principalmente porque existem pessoas interagindo com outras pessoas. (NICOLACI-DA-COSTA, 2009, p. 20).

É, pois, a maturidade do ser humano característica marcante da Modernidade, quando a razão tornou-se senhora absoluta, com o poder de tudo explicar e resolver, mas que, com o passar do tempo, mostrou-se incompleta e vazia.

Em um mundo marcado pela crise de esperança e vazio de sentido, onde a subjetividade do indivíduo cria uma moral emancipada e emancipante que conduz a um código de agir segundo uma liberdade absoluta, torna-se obrigatória a reflexão sobre a fronteira de liberdade entre um sujeito e outro. Chega-se a questionar sobre o limite da liberdade ser coincidente com o limite da autonomia. Constata-se, pois, que o limite da liberdade do sujeito é o outro e afirma-se que a responsabilidade é a fonte essencial para uma ética realmente humana.

Começou a ser percebido que o outro é a razão de existir. Justamente, neste ponto, está à relevância da Ética, na busca do direito e da justiça alicerçada na alteridade do outro. Na transcendência sem retorno, acolhendo as exigências e indigências do outro, está o início de toda ética.

A capacidade de transcender, de sair livremente de si mesmo em direção ao outro, torna uma pessoa ética. Entretanto, para ocorrer a transcendência se faz necessário que a pessoa reconheça o outro em sua alteridade, não como um prolongamento de si, mas como um limite ou desafio da sua liberdade e das suas escolhas. O limite da liberdade do sujeito é o outro.

O fundamento da ética, hoje, só se revela na rejeição de um subjetivismo absoluto em face de uma lei abstrata, que parece estranha à mais profunda nostalgia do coração do homem, para uma consideração do ser humano concreto no seu imprescindível existir no tempo e na história. A base ética, nos dias atuais, deve ser procurada na relação com o outro e

com a sociedade. Ora, a reciprocidade requer um aprofundamento da justiça, que precisa considerar as pessoas concretas.

Ética não é aplicação irrefletida de regras. Ética é a relação com um outro singular que sempre exige adendos aos códigos racionais ou espirituais de orientação de condutas. O outro pede uma resposta “visceral” às suas interpelações e não a consulta burocrática ao manual da lei instituída. (COSTA, 2010, p. 22).

A irreversível revolução tecnológica e o mundo da imagem, nos últimos anos, incentivaram mudanças e comportamentos sociais que tornaram quase impossíveis de acompanhar e analisar suas impressões nos comportamentos dos seres humanos. Esses processos se multiplicaram, rapidamente, por meio da urbanização generalizada, nas pequenas, grandes e médias cidades. Esses movimentos tecnológicos redefiniram o tempo e espaço e, principalmente, o ser humano.

O fenômeno da complexidade ocorre, justamente, por efeito das transformações vividas no mundo da ciência, que ocasionaram por meio das descobertas e inovações, avanços em todos os aspectos da vida, especialmente do meios tecnológicos e da incorporação da comunicação aos processos de formação e qualificação humana, ampliando seus impactos por meio da globalização. Esta, por sua vez, transformou todo o cenário econômico e social com reflexos, por exemplo, nas relações familiares, dentre outros fatores da vida em sociedade.

A pós-modernidade traz consigo mudanças em diferentes setores da vida humana em sociedade; mudanças que trazem aspectos vantajosos como o avanço na produção do conhecimento, a rapidez na circulação das informações e facilidades na vida cotidiana, no trabalho e no lazer, além da promoção de encontros. Juntamente com as facilidades, no entanto, muitos também são os fatores negativos derivados dessas mudanças, tais como a violência, o isolamento, o individualismo, o anonimato, a irresponsabilidade e até mesmo a insatisfação identitária. A maioria das coisas se mundializou, encolheram o planeta e tudo se tornou mais próximo. Essa proximidade trouxe, enfim, para dentro de casa, o mundo com toda a sua riqueza cultural e humana, mas também, pela força do mercado, arrebatou a coisificação do ser humano e a sua desumanização.

Na era moderna, o nível de distanciamento tempo-espaço é muito maior do que em qualquer período precedente, e as relações entre formas sociais e eventos locais e distantes se tornam correspondentemente “alongadas”. A globalização se refere

essencialmente a este processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredaram através da superfície da Terra como um todo. A modernidade é inerentemente globalizante. [...] A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. (GIDDENS, 1991, p. 69).

Apesar de todo o avanço tecnológico de mobilidade constante, o ser humano se vê sem rumos definidos e estáveis, sem saber, muitas vezes, para onde mover-se. Faz-se necessário construir valores que sejam para todos, não somente para os mais aptos e rápidos, para quem os limites não existem e os comportamentos tornam-se, muitas vezes, individualistas.

É singular na história humana a motilidade e a busca pelo outro. Percebe-se que a mobilidade e a estabilidade são recorrentes na sociedade, porém os processos de mobilidade nunca foram tão intensos como nos ambientes urbanos atuais.

Enxergar a integralidade do ser humano, ajudá-lo a definir-se como ser humano pela consciência faz com que ele possa reconhecer-se como pessoa. E para vencer a desumanização inserida na sociedade, percebe-se ser preciso buscar a força da decisão da consciência humana, e assim tentar vencer a apatia e o medo instalados.

Isto representa incentivar os seres humanos à reflexão a respeito de seu ser e estar no mundo, sobre como se servir dos avanços do seu tempo sem perder a sua humanidade; uma ação voltada para a vida em meio às diferenças e o diferente, e aberta para as diversidades. Devemos auxiliar para que a pessoa saiba que ninguém pode se constituir em ser humano senão numa sociedade humana, no interior de uma tradição cultural, no meio de outras pessoas é fundante. Somente assim, a pessoa pode usar sua inteligência e atuar em sua liberdade. É no encontro com outras pessoas que chegamos a nossa identidade pessoal. É também na comunidade que interage com os seus semelhantes que se realiza a identidade. Por viver em uma sociedade humana, não podemos nos omitir em colaborar para a construção de uma sociedade melhor e de relações mais humanas. Todas as injustiças e sofrimentos, principalmente aos mais pobres, desumanizam o ser humano. O ser humano só se constitui como tal em relação com outros seres humanos, no amor autêntico e desinteressado aos outros. É o ser humano que dá significado e finalidade ao mundo se expressando nele.

Pois a comunidade humana se constitui e se compreende sempre no interior de um horizonte cultural transmitido. Habitamos um *mundo social* criado por outros, com sua linguagem, símbolos, papéis e instituições, realizações políticas e econômicas. E só no interior deste horizonte cultural histórico e contextualizado encaramos, entendemos e avaliamos a realidade. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 17).

Quando o movimento, de que tanto falamos, for um possibilitador de alteridade, os ambientes atuais são humanizadores; quando, ao contrário, a alteridade for agredida, for considerada irrelevante, os horizontes de mobilidade são desumanizadores.

Considerações Finais

As grandes ideias sobre o mundo estão mudando. Novas perspectivas surgem. Esta não continuidade vai nos ligando a uma missão de, cada vez mais, legarmos um futuro aberto, um futuro “virgem” para os que virão.

Cumprido de modo cada vez mais móvel detectar e formular conceitos novos formadores de futuro. Alguns já podemos identificar como conceitos portadores de futuro, como, por exemplo, a bicicleta, atributo indispensável da pessoa ativa e móvel.

A mobilidade é a vida. E esse tempo se caracteriza pela vida móvel, quando assim falamos identificamos a vida na universalidade de seus aspectos, valores, locomoções, identidades e relações humanas. A existência torna-se móvel, numa realidade móvel.

As ambições da vida são comumente expressas em termos de mobilidade, da livre escolha de lugar, da viagem, de ver o mundo; os medos da vida, ao contrário, são expressos no confinamento, na falta de mudança, no impedimento de acesso a locais que os outros facilmente frequentam, exploram e desfrutam. A “boa vida” é a vida em movimento, mais precisamente o conforto de ter confiança na facilidade com que é possível mover-se caso ficar não mais satisfaça. Liberdade veio a significar acima de tudo liberdade de opção, e a opção adquiriu notoriamente uma dimensão espacial. (BAUMAN, 1998, 129).

Recondicionamos as condições de espaço e tempo. Hoje mais do que marcar o tempo queremos ganhar o tempo, o tempo ganho é maior mobilidade. A vida móvel se manifesta no tempo de transição, no que fazer com o tempo.

Mudamos também o conceito de lugar. Se antes o importante era ir de A a B, agora é o que fazer ou como proceder entre A e B. Nesta nova realidade cada pessoa humana tem uma

mobilidade especial, que pode mudar conforme achar melhor. Somos todos passageiros e tudo que era fixo pode se feito móvel, o amor, a paixão, o trabalho e a própria sociabilidade.

Os espaços invisíveis formados pelas redes de computadores e frequentados por [...] jovens são frequentemente chamados de *ciberespaço* e de *espaço dos fluxos*. São espaços nos quais tudo e todos podem se interconectar com uma mobilidade nunca sequer anteriormente sonhada. (NICOLACI-DA-COSTA, 2009, p. 13).

O nosso próprio corpo é móvel, a mobilidade torna-se questão de saúde. Os valores mudam, no modo clássico: rápido e longe, na mobilidade: poucos quilômetros e muitos vínculos. Redescobre-se o valor de religar, criar vínculos, novas ideias. Não procuramos mais o modo perfeito, mas sim a diversidade.

Uma miscigenação do físico e do virtual. A transpiração é o modo mais compreensível do físico e do virtual. O corpo não é apenas o corpo, mas o transporte do amanhã será o corpo humano. É a caminhada a matriz de toda mobilidade. O caminhar é o centro do urbanismo. “A nuvem que nos pare é a *aceleração tecnológica*, que dilui as fronteiras entre natureza e cultura, entre sujeito e objeto, entre interioridade, e lança a civilização contemporânea num estado de indeterminação cada vez mais condensada, equivalente a uma mutação”. (ANDRADE & NEUTZLING, 2009, p. 103).

As cidades do futuro serão aquelas que poderemos caminhar e na própria cidade da mobilidade a rua se tronará a ligação móvel. Aqui nos questionamos sobre quais alicerces estamos construindo nossas cidades?

Mobilidade é fazer encontros, o encontro com o outro, novas fronteiras e novos encontros. Estamos mudando critérios para assim mudarmos valores. A nova mobilidade nos mostra como estamos nos tornando seres de ligação e relação.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. I. M. & TRACY, K. M. A., *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ANDRADE, P. F. C. (org) & NEUTZLING, I. (org), *Uma sociedade pós-humana: possibilidades e limites das nanotecnologias*. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

BAUMAN, Z., *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'água, 2007.

- BAUMAN, Z., *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CAIAFA, J., *Aventuras das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- COSTA, J. F. *O ponto de vista do outro: figuras da ética na ficção de Graham Greene e Phillip K. Dick*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- FORTE, B. *Um pelo outro: por uma ética da transcendência*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GIDDENS, A., *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- HERVIEU-LÉGER, D. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- MIRANDA, M. F., *Igreja e Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M., *Espaços virtuais: pós-humanos?* In: ANDRADE, P. F. C. (org) & NEUTZLING, I. (org), *Uma sociedade pós-humana: possibilidades e limites das nanotecnologias*. São Leopoldo: Unisinos, 2009.
- RUBIO, A. G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Loyola, 2001.
- SANTOS, M., *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.